

humanitas



Vol. LXIII
2011

sobre a sua autoria – ou a de um feiticeiro não-ateniense, ou a de um ateniense ainda não familiarizado com a nova grafia vigente. A questão é equacionada com toda a prudência, por parte da autora. N. Musco Mendes em “A documentação de cultura material e o sistema de economia imperial romano no litoral sul da Lusitânia” (pp.185-203) conclui, dos achados de cerâmica no Alentejo e Algarve, já do séc. V-IV a. C., que as populações indígenas interagem com mercadores gregos, integradas no circuito do Golfo Gaditano, fazendo, assim, parte de um sistema de economia mundial (ao tempo o *Mare Nostrum*), com incremento da produção local. Das várias produções locais se registam vestígios de crise desde o séc. III d. C., o que aponta para a desagregação dessa economia, que acompanha a desagregação do Império. O livro termina com R. M. da Cunha Bustamante, “Caça e poder no discurso musivo afro-romano”: de novo a História e a *Poiesis* em diálogo. As cenas representadas, mais que mera mimese, representam o gosto dos clientes. A imagem diz o que diz e o que por ela se deixa dizer: a afirmação de um *status* do proprietário do lugar para que foram criadas, ou o desejo de aparentar esse *status*. O artigo é enriquecido com ilustrações na p.209.

Trata-se de uma obra que pode interessar a vários ângulos de abordagem do Mundo Antigo e, em alguns casos, de *Genderstudies* hoje. Talvez a leitura e o conceito de ordenação resultasse mais claro se as rubricas contidas no índice fossem também explicitadas, como secções, ao longo do livro, cujo valor, como testemunho de uma metodologia de trabalho universitário, é bastante valioso.

M. C. FIALHO

LOPES, Rodolfo, *Platão. Timeu-Crítias*. Tradução do grego, introdução, notas e índices. Coimbra: CECH, 2011.

É sempre com satisfação que recebemos a notícia de uma nova tradução de um diálogo de Platão para a língua portuguesa. Em se tratando do *Timeu-Crítias*, a satisfação é ainda maior, por se tratar de uma obra pouco traduzida e comentada nos países lusófonos.

A estrutura escolhida pelo tradutor é interessante aos estudiosos, principalmente aos iniciantes na leitura dos diálogos em questão, por se preocupar em contextualizar de maneira didática os principais temas e problemas ali envolvidos. Todavia, não podemos deixar de observar uma

imprecisão que ocorre logo na “nota prévia”, quando o tradutor afirma ser a sua “a primeira versão do texto do *Crítias* em português”, e, logo adiante, quando menciona apenas duas traduções existentes do *Timeu* (a de Manuel Malafaia Pinto e a de Maria José Figueiredo). Observamos a imprecisão mais para fazer justiça ao poeta e tradutor brasileiro Carlos Alberto Nunes, que traduziu direto do grego antigo não só o *Timeu* e o *Crítias*, como toda a obra de Platão, num período em que o acesso às obras do filósofo se fazia quase que exclusivamente em línguas inglesa e francesa. Isso foi em 1977; mas, recentemente, o reconhecido professor e filósofo Benedito Nunes (falecido este ano) coordenou uma reedição dos *Diálogos*, de modo que em 2001 pudemos receber novamente, pela Editora da Universidade Federal do Pará, a mencionada tradução do *Timeu* e do *Crítias*.

Voltando ao tema da estrutura escolhida pelo tradutor, penso que maior contribuição sua obra daria se a bibliografia não se restringisse àquela citada. Desse modo, não se tiraria do horizonte do leitor obras importantes para a compreensão dos diálogos e que, casualmente, não constaram dos comentários. Sentimos falta, por exemplo, de Jean-François Pradeau, que traduziu o *Crítias* para os “Classiques en Poche” da Belles Lettres em 1997, com boas introduções e notas, e publicou, também em 1997, pela Academia Verlag, *Le Monde de la Politique: sur le récit atlante de Platon, Timée (17-27) et Critias*. O clássico *Études sur le Timée de Platon*, de Henri-Martin, também não se encontra entre os referenciados. Quanto à interpretação acerca do estatuto das narrativas de *Timeu* e *Crítias*, tema que parece caro ao tradutor, haja vista que dedica algumas seções ao assunto em sua introdução, sentimos falta de vários artigos que provavelmente contribuiriam para o estabelecimento de seu ponto de vista (tais como “De la philosophie politique à l'épopée” de Brisson, “La ricostruzione dei ricordi” de Casertano, “Plato’s Atlantis story and the birth of fiction” de Gill, “The Genre of the Atlantis Story” do mesmo autor, “A propos du *Timée* et du *Critias*” de Schaerer, entre outros). Ainda que o autor não os cite, é de grande valia para o leitor ter ciência de que eles existem e que são acessíveis para uma consulta mais demorada.

Todavia, ainda com relação à introdução, devemos destacar a redação do autor, clara, didática, e revelando, ainda, sua preocupação em oferecer e defender suas próprias posições, sempre recorrendo ao texto grego e situando o leitor numa série de problemas espinhosos para a História da Filosofia.

No que diz respeito à tradução propriamente dita, é claro que sempre haverá objeções quanto às soluções propostas pelo autor. Mas a isso estão sujeitas todas as melhores traduções. O interessante desta é que os termos previsivelmente mais polêmicos receberam uma remissão a nota de rodapé, com o termo grego transliterado e, frequentemente, a explicação da adoção desta ou daquela alternativa. Nesse sentido, não se trata de uma tradução impositiva, que escamoteie ou se silencie acerca dos problemas de interpretação.

Quanto à redação, vale repetir o elogio feito à mesma quanto tratamos da introdução, uma vez que prima pela clareza e correção. Pelo cotejo com outras traduções, pode-se perceber que o autor não se apoiou em nenhuma delas, embora dialogue com elas ao tomar algumas decisões. Por exemplo, ao traduzir *toû theoû prônoian* (*Timeu*, 30c1-2) por “providência do deus”, concordou com Rivaud (editor e tradutor da versão da Belles Lettres), que traduziu a expressão por “Providence du Dieu”, mas fez questão de inserir uma nota recusando o sentido religioso que se pode depreender dela - o que Rivaud não fez. Pelo contrário, acentuou esse mesmo sentido ao colocar os dois substantivos iniciados por maiúsculas.

É digna de nota também a opção do autor de não traduzir determinados termos, deixando-os em grego transliterado: é o caso de *daimon* (pelo menos em *Timeu*, 90a e c), justificado, a nosso ver, por ser assim mais compreensível ao leitor do que a tradução por “gênio” ou “demônio” (como se vê em outras edições); mas também é o caso de *kratêr*, em *Crítias*, 120a, incompreensível, já que temos a tão utilizada palavra “cratera”. Mesmo o termo *phiales*, que aparece em seguida, embora possa não ter um correspondente tão exato em português, não nos parece tão relevante, do ponto de vista filosófico, de modo a se deixá-lo transliterado e não traduzido. A nota explicativa, que o autor cuidou de inserir, já bastaria para esclarecer o leitor acerca dessa peça que configura num ritual atlante.

Em seguida ao texto da tradução, encontram-se os apêndices, com a já comentada bibliografia, um índice analítico, um índice de nomes e lugares e um glossário. Com relação ao índice analítico, pesa contra ele o fato de não haver opção para o autor senão o de selecionar termos em português (não há opção por não se tratar de obra bilíngue, muito provavelmente por questões comerciais e não por decisão do autor). Assim, por exemplo, somos remetidos a passagens onde se encontram os termos “cópia” (*Timeu*, 29b-c) e “imagem” (uma delas em *Timeu*, 29b), quando o termo grego que elas traduzem é apenas um: εἰκῶν. Uma solução encontrada pelo autor foi a

elaboração do glossário, que não anula o problema, mas o remedeia parcialmente. Ali, por exemplo, temos acesso ao verbete “*eikôn*: cópia, imagem”. Com o termo “sabedoria”, só para dar mais um exemplo, a dificuldade aparece de outra forma: a primeira passagem citada, em *Timeu*, 18a, traduz uma parte do termo φιλόσοφον, característica da alma “*inclinada para a sabedoria*”. Não há aí nenhum termo grego específico traduzido por “sabedoria”, embora não haja erro em compor uma expressão em português que contenha essa palavra. Na segunda e terceira ocorrências, em *Timeu*, 24c e em *Crítias*, 109c, o termo traduz φρόνησις, que recebe outras traduções ao longo do texto, como aponta o glossário, a saber, “*inteligência*” e “*pensamento*”. Nesse sentido, o índice analítico deixa de ser interessante para o leitor que já tem alguns rudimentos da língua grega. Ao estudioso um pouco mais avançado de Filosofia, que utiliza a língua como ferramenta de trabalho, ainda que não a domine integralmente, importa saber o uso que Platão faz de εἰκῶν e φρόνησις, por exemplo, sem o filtro da tradução, que pode acabar por confundir mais do que ajudar.

ALICE BITENCOURT HADDAD (Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro)

LÓPEZ FÉREZ, J. A., *La tradición clásica en Antonio Buero Vallejo*, Suplementum I Nova Tellus, Universidad Nacional Autónoma de México 2009, 160 págs.

Éste es un excelente y profundo estudio sobre uno de los mejores dramaturgos españoles del s. XX e incluso de toda nuestra literatura. De modo que presenta un interés doble: ofrecer un análisis de la relevante producción de este autor, así como de su pensamiento, y -desde la perspectiva inversa- mostrar el uso de los motivos clásicos en las obras de la posteridad.

El autor del presente trabajo, Juan Antonio López Férez, es un especialista en el tema en su doble faceta: acerca de Buero Vallejo en particular, sobre el que ya ha realizado otros estudios; y como investigador en general de la influencia grecorromana en escritores de habla hispana, con importantes trabajos en los que ofrece su aportación personal, por una parte, y, por otra, con la dirección y coordinación de libros colectivos y la organización anual de Coloquios internacionales (desde 1996 hasta la fecha),